



## BOCA DE LIXO: COMO FILMAR QUEM NÃO QUER SER FILMADO?

Denise da Silva Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: desaaquino.kortseco@gmail.com

Neste resumo será apresentada a relação dialógica entre Coutinho e os personagens no documentário *Boca de Lixo* (2002), a partir da filosofia relacional proposta por Martin Buber (1878-1965). O objetivo da pesquisa é observar o exercício de alteridade oriundo da relação dialógica que acontece entre diretor e personagens no momento da filmagem. Para tanto, utiliza-se como metodologia a análise do filme *Boca de Lixo* com foco central nas entrevistas, em consonância com falas do próprio cineasta em referência a sua prática documentária.

Com uma equipe bem reduzida, o diretor adentra um ponto de escoamento de lixo, no município de São Gonçalo (RJ), a fim de provocar o diálogo com os catadores que trabalham no local. No entanto, os primeiros contatos são um tanto conflituosos porque as pessoas filmadas ora se esquivam tampando seus rostos, ora se manifestam indignados com a presença da câmera e da equipe de filmagem. O cineasta faz questão de mostrar a reação das pessoas, ao tempo em que a própria estratégia autoral no processo de produção do documentário baseia-se justamente no estranhamento delas em relação ao diferente, diante da preocupação com a recepção de suas imagens ser distorcidas.

Diante do contexto social apresentado no filme *Boca de Lixo*, Coutinho é enfático ao declarar que não pretende mudar o outro com a sua intervenção fílmica, pois tudo que existe é interessante e, somente pelo fato de existir, deve ser respeitado. Sendo assim, para o diretor, “antes que se queira mudar o mundo, antes de tudo, é preciso aceitá-lo como ele é” (COUTINHO, 2013, 34). O documentário em que ele acredita propõe mostrar relatos sobre a visão de mundo de pessoas diversas: “Eu não estou lá para mudar as pessoas, eu estou lá para ver o estado do mundo através das pessoas. A partir da relação que eu vou ter com a pessoa, que é o essencial, na qual tudo pode acontecer, pode haver conflitos ou não conflitos” (COUTINHO apud SIMÕES, 2011, p. 5).

Em seu modo de filmar *Boca de Lixo*, Coutinho não se coloca notadamente



simpático com os personagens, suas intervenções têm um tom de provocação e as perguntas são por vezes ásperas e objetivas. O diretor assume ser estrangeiro, não escondendo a diferença existente entre si e o mundo retratado. Ele declara: “Essa diferença eu não procuro falsamente diminuir. Eu não sou igual duplamente. Porque estou atrás da câmera e porque não sou igual socialmente. Ao não fingir você começa a limpar a área” (COUTINHO apud ARAÚJO, 2010, p. 02).

Coutinho utiliza a não aceitação dos personagens como recurso, como material. A partir daí a linha do seu trabalho delinea-se: como chegar a essas pessoas e fazer com que elas falem com espontaneidade, sem invadir o limite de cada personagem?

*Boca de Lixo* se distancia esteticamente de outros documentários coutinianos, principalmente no que se refere ao conflito imanente das conversações. A força poética decorre de deixar às claras o confronto dos entrevistados diante da câmera e dos filmadores. Um garoto constrangido com a presença de uma suposta equipe de TV aponta seu olhar para a lente e dispara “Que é que vocês ganham com isso? Pra ficar botando esse negócio na nossa cara?”. Ao passo que Coutinho responde: “É pra mostrar a vida real de vocês.”

Uma mulher usando saia e blusa vermelha é filmada de costas carregando uma cesta na cabeça. Ela derruba a cesta no chão e logo após um letreiro informa o nome “Jurema” na tela. Ela resmunga ao perceber que estava sendo filmada pela equipe de Coutinho: “Acho que ele gostou de mim!”. Coutinho se aproxima perguntando-lhe: “Podemos conversar?” Ela responde: “Eu não tenho nada para conversar. Conversar o quê? Eu não tenho nada para conversar”. Ela demonstra não estar à vontade com a presença da equipe de filmagem. Durante a sequência são mostradas imagens de Jurema e sua recusa em falar com Coutinho, ela se esquiva, a câmera é cruel, invasiva, a segue. Ela se mostra incomodada em ser filmada superficialmente: os catadores do lixão como meros dados estatísticos da miséria.

Jurema afronta a câmera, diz que a matéria os mostrará comendo lixo e os catadores (Jurema se inclui) não comem lixo, eles criam porcos e a sobras servem para dar aos animais. Depois a cena mostra Jurema ao lado de um garoto. Ele joga água nas mãos dela. Coutinho pergunta à personagem se ele é filho dela e ela diz que sim. E completa: “Tem esse e mais seis em casa”. No segundo momento, Coutinho vai à casa de Jurema, ela não é mais uma miserável, é a própria Jurema, com sonhos, afetos e



verdade. Na casa de Jurema os filhos se encontram lado a lado e são apresentados a Coutinho por ela, que cita o nome e a idade de cada um.

Na segunda entrevista Jurema já se coloca diferente para Coutinho, criou-se uma relação de confiança, o voltar-se para o outro. Ela conta à Coutinho como conheceu o marido, entre outros assuntos que giram em torno da sua vida pessoal. É quando o diretor se sente à vontade para perguntar sobre o motivo da sua chateação no outro dia da entrevista dela no lixão. Coutinho a indaga sobre o fato de muitos esconderem o rosto no início da chegada da equipe de filmagem no lixão e tem como resposta, que é por medo de sair na televisão. “Eu tenho vergonha, a gente suja de lixo para todo mundo ver”, demonstrando assim o receio de que tais imagens sejam apresentadas como nos jornais televisivos.

O diretor conduziu segundo uma ética cruel a possibilidade do encontro, não teve piedade da personagem e buscou numa poesia dialógica a aproximação com Jurema, num enunciado que pode ser interpretado poeticamente de tal maneira: sabe-se que você come esse lixo aqui, (já mostrado em imagens anteriores), mas não é isso o que importa para o autor do filme, que pretende um diálogo autêntico com a personagem, assim, ele a enfrenta e se fazendo presentes um para o outro, transformam-se. No depoimento de Jurema percebe-se que a sua preocupação é de que suas idiossincrasias sejam reduzidas a uma cena, a clareza da personagem em perceber como é negativa a exposição que a mídia faz de cenários como este, se importando meramente com o fato em si. Nos noticiários televisivos é natural desconsiderar a subjetividade do personagem. As notícias cuidam dos acontecimentos e imediatismos.

Já a personagem Lúcia, numa outra sequência, discorda e até diz que muitos que trabalham ali são preguiçosos e querem a vida fácil. No entanto, a “verdade” do seu conto não se encontra necessariamente no que ela diz, mas no próprio ato de dizer, na forma como ela se expressa, nos sinais, olhares, nos silêncios da conversa, na construção das falas. Lúcia diz estar satisfeita com seu trabalho e que se sente feliz quando vai para o lixão, pois ali encontra pessoas, conversa, dá risada, não se sente só, como quando está em casa sozinha com seu marido. De fato, a imagem de tal realidade não é confortável, mas é no conto de alguns dos personagens de *Boca de Lixo* que se percebe a mudança de foco do filme, jogando com imagens agressivas ao mesmo tempo que traz para o espectador outra visão daquele lugar, visto que se aproxima dos



catadores enquanto indivíduos que são.

Cada personagem é único. Ao contrário das reportagens televisivas, as estatísticas não são importantes, tampouco a cobertura da miséria. *Boca de Lixo* segue uma “ética da crueldade”, evidenciada pela recusa ao compadecimento por tal situação e a intenção de não apresentar soluções para a vida de seus personagens.

Desse modo, conclui-se que a obra *Boca de Lixo* surpreende porque mostra o exercício de alteridade do diretor a cada entrevista realizada, num limiar entre a crueldade e a humanidade. Coutinho inverte o foco da narrativa - em vez de uma reportagem cuja temática é o lixo, o assunto é direcionado na tentativa de uma diversidade dialógica, traduzida por meio da expressividade dos catadores entrevistados. Surge então um filme que valoriza a palavra de quem fala, sendo o par relacional Eu-Tu a fonte de retroalimentação da obra, conferindo a ela beleza e poesia. Esta abertura de visão de mundo, característica da ética empregada pelo diretor em *Boca de Lixo*, tem a ver com o que é essencial neste filme, tem a ver com a ética do diretor. Coutinho parece buscar uma parceria mútua na relação que estabelece com o outro, a quem se dirige em seu fazer cinematográfico, assumindo uma atitude mais reciprocamente vulnerável, procurando constituir parcerias com quem pretende dialogar. Tal atitude não garante, sem dúvida, que a resposta do outro venha em tom semelhante, podendo às vezes não dar em nada. Mas, por vezes, a reciprocidade da resposta do outro se efetiva e o diálogo acontece, constituindo, no cinema autoral de Coutinho, momentos ímpares que traduzem uma relação humana verdadeira. Exposto e vulnerável aos outros, o cineasta busca percebê-los em suas alteridades e humanidades completas. Ou, como diz Buber:

[Isto] só pode acontecer numa parceria viva, isto é, quando, numa situação comum com o outro, me exponho vitalmente à sua participação nesta situação como sendo realmente sua. Sem dúvida, esta minha atitude básica pode permanecer sem resposta e a dialógica pode morrer em germe. Mas, se a mutualidade é conseguida, o inter-humano desabrocha na conversação genuína (BUBER, 1982, p. 148).

A negociação entre diretor e personagem, as técnicas exploradas nesse jogo dramático e a relação que se estabelece entre ambos são elementos da criação cinematográfica, existindo aí uma condução explícita e assumida do diretor na cena, mesmo que a sua ação se concretize de modo não autoritário, como é o caso de Coutinho em *Boca do Lixo*. Assim, o diretor tenta abrir um “vazio” para que o entrevistado possa preencher. Porém, para o realizador, não pode ser um “vazio total”,



porque a pessoa pode querer falar alguma coisa que não o interessa e ele, enquanto cineasta, negocia o seu desejo com o do entrevistado (COUTINHO, 2013).

A filosofia de Buber fica bem colocada quando conectada com a ética coutiniana - o modo pelo qual o sentido do encontro se faz revelador da verdade, mas de uma verdade movediça e delicada, posta, sobretudo, pelo reconhecimento do outro, no diálogo onde o Eu e o Tu coexistem. Em suma, um gênero de cinema que utiliza a realidade como ponto de partida para a manifestação do encontro, convocando pessoas anônimas, seres simbólicos, a fim de que narrem suas histórias. Coutinho, em *Boca de Lixo*, valida a experiência fílmica do respeito pelo outro e, apesar da autoridade natural como diretor, sua ética não é eliminada e nem atua exageradamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema Documentário; Eduardo Coutinho; Ética; Alteridade; Encontro.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I.; COUTO, J. G. "A Cultura do Transe". *Folha de São Paulo*, São Paulo, Domingo, 28 de nov. de 1999. Caderno Mais. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2811199915.htm>. Acesso em: 03 de dez. 2014.

BOCA de lixo. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil: 50 min, 1992.

COUTINHO, E. A verdade da filmagem. In: OHATA, Milton (Org.). *Eduardo Coutinho*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 14-20.

BUBER, M. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_, M. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 1977.

SIMÕES, M. O que eu faço é contra o jornalismo. *Portal Fórum*. 2014. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/eduardo-coutinho-tudo-o-que-eu-faco-e-contra-o-jornalismo/>. Acesso em: 8 jan. 2015.